“COMO RETRATO DA ÉPOCA” – O FIGURINO DO TEATRO

Uma entrevista com a figurinista Malu Rocha

Alexandre **Magalhães e Silva**[1]

Ana Luiza **Carvalho da Rocha**[2]

Maria Luiza Carvalho da **Rocha**[3]

No texto que segue apresentamos a “agente criativa” Malu Rocha, que exerce a função de figurinista em espetáculos de artes cênicas – optamos por uma entrevista realizada no dia 08 de julho de 2018, na residência da figurinista, no bairro Rio Branco, na cidade de Porto Alegre. Estavam presentes a entrevistada, o técnico e operador de câmera Pedro Paim, e os organizadores desta edição da Iluminuras, Prof.ª Dr.ª Ana Luiza Carvalho da Rocha e Alexandre Magalhães e Silva. A entrevista teve duração média de 90 minutos.

Maria Luiza Carvalho da Rocha, ou simplesmente Malu Rocha, é engenheira civil, artista plástica e professora de artes tendo realizado toda sua formação na federal do Rio Grande do Sul. Iniciou o seu trabalho artístico em figurinos de teatro no espetáculo infantil *As aventuras de Mime Apestovich* no ano de 1985 e de lá já realizou mais de trinta trabalhos para os palcos e já recebeu cinco prêmios. Uma carreira muito bem-sucedida se levarmos em consideração os poucos incentivos para produções profissionais e que, quando os incentivos vinham do município, havia o impedimento em ser contratada por ser professora concursada e nestes trinta anos foram os anos de grandes financiamentos através do Fumproarte, o fundo de apoio a projetos artísticos e culturais do município de Porto Alegre.

Através da fala da artista é possível perceber o tempo num trabalho, de um ofício que outrora foi mais artesanal. Como afirma “os figurinos são como o retrato da época”, e pelo tom da voz talvez uma época que tenha deixado saudades pelas técnicas, pelos desafios e pelas “parcerias” que já não existem mais. Uma leitura que vale para vermos o teatro além dos olhos do ator e diretor, funções tão destacadas e que deixam outras tantas um pouco esquecidas.

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.
[2] FEEVALE, Brasil
[3] Malu Rocha é engenheira civil, artista plástica, professora de artes e figurinista.

Iluminuras: Há dois pontos que é importante esclarecer. O primeiro é que durante esta conversa talvez eu vá perguntar coisas que eu já saiba, por termos trabalhado juntos, mesmo assim deves responder e a segunda é que só pretendo interferir na tua fala para ir te conduzindo no tempo. O tempo é teu, só irei voltar se achar que fostes para muito longe em pontos que talvez não interesse neste momento, então vou te resgatar para a tua história como figurinista, que é o que interessa aqui. Mas quem conduz é tu. Para começar quero saber como chama a tua função, no teatro é figurinista mesmo. Assim devo chamar, Malu Rocha, figurinista de teatro?

Malu Rocha: Sim, acho que é figurinista mesmo. A repórter hoje até me perguntou, como te chamo na reportagem. Eu disse: Acho que é figurinista.

Iluminuras: Reportagem do que?

Malu Rocha: Do Quatrilho, [ópera O Quatrilho com direção de Luís Artur Nunes e estreia em Porto Alegre, no Theatro São Pedro, em 28 de julho de 2018] que vai sair no jornal Zero Hora.

Iluminuras: O trabalho atual que estás fazendo?

Malu Rocha: É, o trabalho atual.

Iluminuras: Vendo teu currículo, chama atenção tu ser formada em engenharia.

MR: Também.

Iluminuras: Também porquê?

Malu Rocha: Por que eu fiz um ano de engenharia, daí depois fiz vestibular para artes plásticas, bacharelado e daí fiz durante um bom tempo as duas juntas. Me formei em engenharia e daí fui me formar em bacharelado e em curso dois fiz licenciatura em artes plásticas.

Iluminuras: Me fala disso. Uma adolescente, uma jovem na década de setenta (1971) decide estudar engenharia. Em que momento que a engenharia passa a conversar, ou melhor, que esta mesma pessoa pensa ser possível a engenharia e as artes juntas, como se deu isso?

Malu Rocha: Eu acho que foi assim... Eu nunca me dei conta que elas conversam, só fui perceber isso anos depois. Para mim era uma coisa bem separada. Eu gostava de desenhar, eu sempre desenhei, eu comecei a pintar com sete anos. A mãe pintava e eu fui pintar por curiosidade e pedi que ela me ensinasse. Me lembro que a primeira pintura que fiz foi um cacho de uvas numa tampa de caixa de sapatos.

Iluminuras: Tua mãe pintava telas?

Malu Rocha: Pintava. Preparava papelão e pintava em cima. Então, quando morávamos em Dom Pedrito, ela estava pintando e eu disse: Ah! Quero fazer. Aí, ela preparou uma tampa de caixa de sapatos e eu pintei um cacho de uvas. Assim ela me ensinou a pintar. Então eu sempre desenhei. Mas na hora de fazer o vestibular eu gostava de matemática, física e química. Digo: Ah! Vou fazer engenharia que tem tudo isso. E daí eu continuava desenhando, mas, fui fazer engenharia. Chegou no fim do ano, o Nico [Luiz Antônio Carvalho da Rocha – 1954] ia fazer vestibular para arquitetura, o Nico meu irmão. Daí eu disse: Ah eu também vou fazer vestibular para arquitetura. Arquitetura ou artes. Vou fazer vestibular para esta outra parte minha que eu também gosto. Fiz e caí na segunda opção que era artes plásticas. E comecei a fazer artes plásticas: bacharelado! Fui fazendo as duas juntas porque eu não queria largar a engenharia porque tem uma parte que eu gostava bastante, de construção, de lógica, matemática quando aplicava a matemática, quando tinha física, eu gostava. Daí fazia artes plásticas, fiz vestibular de novo, então eu tinha direito a fazer todas as cadeiras e fazia menos disciplinas só.

Iluminuras: E tu te formou junto nas duas?

Malu Rocha: Não. Eu me formei em [19]76, no meio de [19]76 na engenharia e segui fazendo, eu fazia menos cadeiras nas artes plásticas, né? Então eu segui fazendo artes plástica e me formei em [19]80. Bacharelado. Eu me formei em desenho e escultura. Então quando eu terminei desenho podia pedir para me formar, mas não pedi porque eu queria terminar as esculturas que eu já estava fazendo. Quando eu terminei as duas, terminalidades da época, foi quando eu me formei. Foi que pedi reingresso e fiz licenciatura.

Iluminuras: Então tu eras engenheira, bacharel em artes plásticas e ...

Malu Rocha: Licenciatura que acho que me formei em [19]82 / [19]83 porque eu já estava fazendo em curso dois.

Iluminuras: E foi trabalhar em?

Malu Rocha: Eu dava aula no Parobé....

Iluminuras: Engenharia ou artes plásticas?

Malu Rocha: Eu dava aula no Parobé em engenharia, eu dava topografia

Iluminuras: Como professora concursada?

Malu Rocha: Como professora contratada por doze horas como engenheira, porque naquela época eram os engenheiros contratados por 12 horas que davam as matérias técnicas

Iluminuras: Então teu primeiro emprego foi como engenheira?

Malu Rocha: Como engenheira. Daí depois que eu fiz o curso de bacharelado, com bacharelado eu não podia passar para a parte de artes ainda, no Parobé. Só depois que me formei em licenciatura, levei minha carteirinha lá e aí comecei a dar educação artística no Parobé, senão eu dava aula de topografia, cálculo de concreto, essas coisas ... todas as cadeiras no curso, ou de estradas e rodagens ou de edificações. Então meu sustento durante todo tempo foi através da engenharia. Como professora de curso técnico.

Iluminuras: E foi o Parobé que passas a dar aula de educação artística

Malu Rocha: Passo a dar aula de educação artística depois que me formo em licenciatura, depois de [19]82/[19]83, por aí. Daí eu passei para a disciplina de educação artística. Aí fiquei na educação artística até entrar no Atelier Livre como professora de desenho. Aí que eu me demiti do estado, porque eu fiz concurso para a prefeitura. Fui ser professora da prefeitura, concursada, do Atelier Livre, dede pintura e desenho.

Iluminuras: Durante este período que deu aulas de artes a engenharia foi abandonada?

Malu Rocha: Foi, mas, eu acho que eu tenho uma lógica de pensamento de engenheiro, eu tenho toda uma construção, até quando construo meus figurinos em alguns trabalhos eu vejo que tenho uma lógica em que a engenharia permanece. Entendeu? Não é que ela me serve, mas, ela me explica muita coisa na parte de artes, né?

Iluminuras: As artes nesta época eram chamadas de artes plásticas.

Malu Rocha: E quando entrei em artes plásticas eu queria ser artista plástica e nunca pensei trabalhar com o teatro.

Iluminuras: Então onde entra o teatro? Por que quando a gente pensa hoje as artes visuais até pode se entender o teatro dialogando. Agora artes plásticas e teatro, como se dá? Como tu passa a trabalhar com teatro?

Malu Rocha: Na época era tudo junto, no mesmo edifício. Então a gente a associação, o sindicato, aquelas coisas de estudantes [Diretório Acadêmico] e era tudo junto, de artes plásticas, música e teatro. E ali no Centro Estudantil tinha...

Iluminuras: Tu falaste “sindicato”, mas na verdade querias dizer Centro Estudantil?

Malu Rocha: É isso! Então tinham as votações, aquelas coisas e era tudo muito misturado. Eu me lembro que eu comecei a entrar em contato com o pessoal de teatro numa destas eleições que teve onde estava a Elena Quintana no grupo que ia concorrer, eu fiz cartaz, estas coisas. Daí depois eu entrei no teatro mesmo através do Alziro, Alziro Azevedo que foi meu colega na parte de licenciatura e agente começou uma amizade, ele começou a ver que eu gostava destas coisas de costurar, me meter, fazer,

construir coisas. Ele e convidou para ajudar a pintar uns painéis.... Eu, o Humberto (Humberto Vieira), Analice Pilar a gente foi pintar uns painéis para o *Apocalipse Now*, que ele estava fazendo para o Dilmar [Dilmar Messias]. Eram os cenários, os painéis e esse foi o meu primeiro contato, assim com o teatro. Aí nós pintamos ali no saguão do Câmara [Teatro de Câmara Túlio Piva] e tá todo mundo se divertia bastante e tudo. Daí depois ...

Iluminuras: Enquanto estudantes isto?

Malu Rocha: Enquanto estudantes sim, eu era colega dele. Aliás acho que os outros também, o primeiro ainda estudava quando ele me convidou. Não me lembro mais.

Iluminuras: Antes do *Apocalipse Now* tu já tinhas feito um trabalho com ele?

Malu Rocha: Não, não tinha feito nada! Só a gente foi lá pintar os painéis. E aí fui me aproximando do Alziro e ele foi se aproximando da gente também. Teve um trabalho, nós fomos colegas em Estética, e teve um trabalho que, ao invés de fazer o trabalho escrito a gente inventou de fazer uma “apresentação” do Ícaro e aí o Zimpeck foi lá nos dirigir, então a gente conseguiu as malhas pagas pela UFRGS, o Zimpeck e o Mário... como era o nome do Mário... Esqueci! Ele era um outro....

Iluminuras: Mas o Zimpeck que tu falas era também teu colega de aula?

Malu Rocha: Não, ele era amigo do Alziro. Que já trabalhava com teatro. Ele era figurinista e cenógrafo de teatro e o Alziro também já trabalhava com teatro. E a gente fez este trabalho em cena e a gente foi dirigido pelo Zimpeck e o Zimpeck também fez cenas e aí eu comecei a tomar mais contato, comecei a ficar mais próxima do Alziro e mais próxima desta parte de teatro. Daí o Alziro foi fazer mestrado e eu... Em seguida... A minha...

Iluminuras: Foi embora fazer mestrado... Saiu da faculdade, foi para fora?

Malu Rocha: Foi para fora. Foi fazer mestrado nos Estado Unidos e eu ainda estava estudando. Daí segui fazendo... dando as minhas aulas de artes e dando.... Segui levando a minha vida e tentando desenhar e ser artista plástica [risos]. Eu trabalhava, eu e a Carmem Morales, a gente trabalhava juntos, seguia duas ou três vezes por semana, desenhava. Daí quando ele [Alziro Azevedo] volta dos Estados Unidos, ele é convidado para fazer *O Pulo do Gato.*

Iluminuras: E ele foi estudar fora quanto tempo? Quatro anos? Dois anos?

Malu Rocha: Mestrado... Acho que foi uns dois três anos... Quando ele vinha a gente tinha contato, mas nada... Mas, quando ele chegou mesmo, acabou tudo, quando ele foi dar aula no DAD [Departamento de Artes Dramáticas do Instituto de Artes da

UFRGS], ele foi convidado pelo Décio, Décio Antunes para fazer o figurino e o cenário do *O Pulo do Gato* e daí ele disse... daí eu... Às vezes eu até visitava ele enquanto ele estava fazendo as coisas para o Dilmar e eu via ele fazendo adereços.

Iluminuras: Tá mas então no período em que o Alziro esteve fora do Brasil tu não fez teatro? Tu só volta quando só depois que ele volta e assume a cadeira de cenografia do DAD e te chama para fazer o...

Malu Rocha: Me convida para fazer assistência no *O Pulo do Gato*, assistência de figurino. Eu ... ah tá! Mais costurava as vezes... fazia aquilo. Daí fiz assistência para ele no *O Pulo do Gato* e ele ganhou prêmios pelo cenário e pelo figurino. Ganhou todos os prêmios na época. E assim, esta foi minha primeira coisa com o teatro e me lembro que ele me deu um macacão dos frentistas do posto BR, um macacão verde com o BR escrito atrás. Ele me deu o macacão para a gente usar, assim, a gente usava para trabalhar e ele me deu como estreia no meu trabalho de teatro. E daí foi minha primeira estreia com assistente dele.

Iluminuras: Nesta função de operária. O macacão te batiza como operária do teatro.

Malu Rocha: Exatamente, operária do teatro! Daí depois ele começou. Eu acho que ele, o Alziro, ficou com preguiça de fazer figurinos e se interessava mais pela parte de teatro [cenários] Cada vez que convidavam ele para fazer...

Iluminuras: Neste figurino do *O Pulo do Gato* tu só costurou ou tu criaste o figurino?

Malu Rocha: Toda concepção foi do Alziro, eu fiz assistência mesmo! E as vezes eu só ia junto, porque era muito figurino de brechó, entendeu? Eu ia junto e aí a gente reformava as roupas e adequava ao ator. Não me lembro dele costurar, acho que foi assim, porque, lembro que a gente foi a Pelotas ver roupas, estas coisas assim, ver porque ele dizia que tinha muito brechó lá. Era uma coisa mais .... Não foi uma costura toda...

Iluminuras: E esta habilidade da costura tu tens de onde?

Malu Rocha: Esta parte da costura acho que eu tenho da minha avó que era costureira, né? Que eu me lembro dela, ela morava em Gravataí, preparava noivas. Eu me lembro, de ficar, de olhar os figurinos, figurinos né? As revistas dela, me lembro de desenhar umas bonecas e depois desenhar vestidos e fazer aquelas bonecas de vestir, sabe? Eu me lembro disso, me lembro do espelho que ela tinha para as mulheres se olharem, me lembro de ficar enfiando agulhas para ela, e de ver, de ficar, ela bordava também na máquina, né? Ela preparava a noiva. Ela fazia desde o sutiã, ela fazia a combinação, até

a camisola da noite para as noivas. Era tudo seda e aquelas coisas. Eu me lembro deste universo, ali....

Iluminuras: Isso onde?

Malu Rocha: Em Gravataí onde ela morava.

Iluminuras: Ah, tu não moravas lá?

Malu Rocha: Não, A gente passava praticamente um mês, o mês de férias a gente ia para lá e ficava. Nós quatro irmãos ficávamos com ela e o pai e a mãe saiam, iam viajar, eu nunca soube onde eles iam. Mas a gente ficava um mês com ela. Ali a gente entrava neste cotidiano dela, de costura.

Iluminuras: Ali começou a tua assistência em figurinos?

Malu Rocha: [risos]. Não deixa de ser né? Eu me lembro de ver ela na máquina e ela pedi**:** Ah, enfia aí a agulha tu que tens os olhos bons? Daí eu enfiava a agulha para ela! Me lembro dela bordado, do barulho que a máquina faz quando borda que é diferente de quando tu costura, né? O tic, tic, tic é diferente. Eu acho que vem daí e de ver ela cortar as coisas. Tem muita coisa que eu acho que é mais de ver, porque eu nunca aprendi.

Iluminuras: Mas tu lembras quando começou, antes do teatro já tinhas costurado?

Malu Rocha: Eu lembro quando pedi para a minha mãe me ensinar a enfiar uma máquina de costura e costurar, foi em Do Pedrito e eu devia ter uns sete anos e porque eu resolvi fazer umas roupas de bonecas, porque as bonecas antigamente vinham peladas né? Elas vinham na caixinha delas com no máximo um biquinho e não tinham roupas como agora e aí eu inventei de fazer roupas. Às vezes a mãe fazia. Daí eu inventei de fazer roupas para aa minha boneca e para a da Ana [Ana Luiza Carvalho da Rocha] e aí eu pedi para ela me ensinar a costurar, pelo menos botar numa linha reta e aquilo de tac, tac né... era pedal. E eu me lembro que o primeiro vestido que fiz de boneca era assim, tipo uma “cintura baixa”, um tubinho assim [sentada demonstra a altura das coxas com as mãos] e depois era franzido aqui com umas tiras assim [aponta os ombros] verde que eu fiz para minha boneca. Então esta curiosidade pela coisa sempre teve, eu já mexia com máquina de costura antes.

Iluminuras: E quando o Alziro te chamou para fazer *O Pulo do Gato*, ele já conhecia esta tua habilidade?

Malu Rocha: Eu acho. Ele já conhecia esta minha curiosidade por fazer, entendeu? Teve um período em que eu fazia muita roupa, fazia algumas coisas para mim, porque era mais caro e eu não tinha dinheiro. Então eu fazia, fazia saias, estas coisas com menos corte eu costurava normal assim.

Iluminuras: No período de estudante?

Malu Rocha: No período de estudante.

Iluminuras: E aí tu começas a trabalhar para o Alziro e emprestar este teu conhecimento para o trabalho dele?

Malu Rocha: Sim, trabalho com ele e depois de um tempo ele começou a não... a não.... Por exemplo, o *Mimi*, o Dilmar [Messias] convidou ele para fazer o *Mimi Apestovich*, ele disse: Ah não quero fazer, a Malu quem vai fazer! Convida a Malu. Foi o meu primeiro figurino sozinha.

Iluminuras: Agora me conta. Como eu processo isso? A professora de arte, daí tu já dava aula no Atelier Livre?

Malu Rocha: Não. Eu fui dar aula no Atelier só na época da *A Fonte*.

Iluminuras: Então como se processa isso de a professora de arte do Parobé [Escola Técnica Estadual] assina, entra para o cenário profissional assinando seu próprio figurino, a própria concepção de figurino, como dá? Tu já tinhas esta noção do espaço profissional?

Malu Rocha: Não, não. Nem do espaço e nem da profissão, disto com profissão, entendeu? Nada. Então era assim: Tá, mais uma coisa que é legal de fazer e que eu vou poder aproveitar as coisas que eu gosto de fazer. Claro, eu estava morrendo de medo, né? Porque trabalhar como assistente era uma coisa, mas tu assinar uma coisa, ser responsável e ter que criar e responder todas as perguntas de um diretor é diferente, né? Tanto é que eu fazia as coisas e ia lá para o Alziro. Como é? Está funcionando, vai funcionar? Ele disse todo tempo "não te preocupa que te assessoro aonde tu tiveres dúvida" Então eu tive toda uma assessoria dele para errar ou para não perder tempo no trabalho, entendeu?

Iluminuras: *Mimi* foi como um estágio?

Malu Rocha: É, mas eu não tinha a menor noção. Achava que a fazer este só porque o Alziro não quer fazer e que nunca mais vou fazer mais nada! Só isso. Entendeu? Tá, só mais uma coisa que eu vou fazer na vida, que nem dar aula de topografia, já tinha dado aula de cálculo de concreto, já tinha feito tanta coisa com estas misturas de engenharia e artes que para mim era só mais uma mistura.

Iluminuras: E tu foi remunerada por isso?

Malu Rocha: Claro. Ganhei direitinho, ia aos ensaios, era, eu fazia tudo assim como uma coisa normal de figurinista e que eu nunca tinha passado por isso.

Iluminuras: E tu costurava em casa?

Malu Rocha: Eu costurei e os adereços também foi tudo eu que fiz.

Iluminuras: E gostou? Lembra da época como foi a sensação da estreia, de ver no palco?

Malu Rocha: Muito louco porque eu achei que nunca riria terminar. Eu me lembro do Lever [Leverdógil de Freitas, ator do espetáculo] me ajudando a fazer as coisas, porque eu fazia praticamente tudo sozinha.

Iluminuras: Lever, o Leverdógil , o ator?

Malu Rocha: É, o ator. Primeiro porque me lembro. Eu fiz uns carros com Eucatex e daí botava.... Porque tinha uma cena com carros que eram eles [os atores] E aí botava as lâmpadas e me lembro dele passar as tardes lá me ajudando a fazer, porque não tinha, era eu sozinha fazendo, né?

Iluminuras: Era bastante artesanal o ...

Malu Rocha: Era bastante artesanal.

Iluminuras: Além dos figurinos tinham os adereços?

Malu Rocha: Não. Figurino era tudo, né? Fazia os fantasmas que também eram uns bonecões grandes e também foram feitos tudo por mim. Bonecões grandes manipulados [faz com os braços]

Iluminuras: E esta técnica foi descobrindo, fazendo?

Malu Rocha: Aí é que acho que entra um pouco da engenharia. Porque entendeu? Tá, tinha coisas que eu não sabia e tá.... Um cano de PVC aqui, um cano de PVC ali e tá.... Gira aqui, gira ali vê o peso disso, o peso disso e vai funcionar. Então eu inventava coisas que só uma engenheira para resolver, alguns assuntos técnicos. Então a *Mimi* foi bem isso, tinha muito isso, coisa que eu tinha que resolver…. Tinha o bloco de carnaval que também eu fiz. Era um lençol e tinha só quatro atores para fazer um bloco de carnaval, então eu tinha que inventar mais quatro no meio. Então peguei o pano na horizontal, pintei as figuras, esburaquei nos lugares dos atores e um sim um não botei a cabeça de outra pessoa que eles seguravam e aí eles iam passando. Eu desenhava e mostrava e dizi**a:** Alziro tua achas que vai funcionar? “Pode fazer que vai funcionar” Porque era uma coisa assim, que eu nunca tinha feito. Então entrou muito a engenheira ali também. E tudo funcionou, foi uma peça bem bonita. Era infantil, mas tinham adultos que gostavam bastante, era uma linguagem boa.

Iluminuras: E aí que entras no mercado e começas a fazer figurinos sem parar? Existia um mercado? Tu começas a fazer como profissional?

Malu Rocha: Olha, acho que mercado, mercado foi assim.... Uma coisa conquistada ao logo do tempo. Eu acho que na época o que acontecia era que....

Iluminuras: Tu te lembras o ano disso?

Malu Rocha: *Mimi Apestovich*, olha deve ser oitenta [1980]. É eu morava na João Teles. E os bonequinhos fizeram tanto sucesso que fiz uns para minha sobrinha. Fiz umas marionetes dos fantasmas que eram assim, o maior sucesso. E, como é que vou te dizer.... Eu acho que esta coisa do profissional veio muito com o Alziro, quando ele veio de lá [Estados Unidos]. Entendeu? Um profissional que trabalha para vários grupos. Porque antigamente o figurino e o cenário eram feitos por alguém do grupo. O Zimpeck começa um pouco com isso, ele era ator também e normalmente era feito por um ator do grupo que fazia o figurino ou cenário e o Alziro durante muito tempo trabalhou para o Dilmar, então ele era, digamos, o cenógrafo e o figurinista do grupo do Dilmar. Mas, depois que ele veio de lá [Estados Unidos] que se "independiza" disto e começa a trabalhar om vários grupos, e aí eu entro também nessa né? Quando ele me indicava e as vezes nós trabalhávamos juntos, ele como cenógrafo e eu como figurinista e a gente começa a ser esta coisa independente do grupo. Tu não vais fazer parte do grupo, tu eras contratada pelo grupo para fazer este trabalho e daí eu acho que começa a se esboçar a profissão de figurinista e cenógrafo independentes do grupo.

Iluminuras: Então foram vocês que praticamente criam esta condição de ser um profissional desta área sem estar vinculado ao grupo. Vocês foram sócios?

Malu Rocha: Fomos sócios na Azevedo & Rocha Ltda. A partir de.... Foi quando eu estava fazendo o *Beijo* [*Um beijo um abraço um aperto de mão*, de Naum Alves de Souza e direção de Luciano Alabarse]e ele estava fazendo.... Não. Nós ficamos sócios burocraticamente por causa da *A Fonte* porque a gente precisava ter uma firma. Porque já éramos sócios emocionalmente, mas burocraticamente foi a partir da *A Fonte*, porque a gente precisava ter uma firma para dar nota fiscal e para existir no projeto da *Fonte*.

Iluminuras: Esta sociedade emocional que tu falas é esta parceria que vocês tinham?

Malu Rocha: É a parceria, porque mesmo quando eu não estava trabalhando eu fazia sempre a assistência para ele e quando eu estava trabalhando.... Então a combinação era sempre isso. Engraçado era o Alziro fazer assistência para mim, entendeu? Porque ele era o mestre, mas não tinha problema porque quando eu estava trabalhando e ele não estava ele era meu assistente. Tenho um monte de programas [programas de teatro] por aí em que o Alziro era o meu assistente de figurino. Então a gente já tinha esta parceria, já antes de alugar o atelier e de ter a firma, né?

Iluminuras: E a firma existe porque existia mercado de trabalho para isto?

Malu Rocha: Sim, existia.

Iluminuras: Existe.

Malu Rocha: É, tinha nos anos oitenta [1980] até noventa, noventa e poucos existia e o mercado era grande. Me lembro que fui fazer uma oficina, um workshop em Canela, naquele festival de Canela que o Dilmar organizou, não sei em que ano. O Dilmar chegou lá e disse: “Malu, é impressionante. Todas as peças que estão aqui ou tu ou o Alziro estão enfiados dentro”. Porque tinha um mercado efervescente assim, de peças. Todo mundo começou a nos chamar e tinha muita coisa acontecendo também, não era só nós quem estava trabalhando. Mas tinha bastante.

Iluminuras: Então a gente vai olhando o cenário do teatro de Porto Alegre e existe uma estética do teatro da década de setenta (1970). Quando passamos para as décadas de oitenta (1980) e noventa (1990), já vemos peças com figurinos assinados por Malu Rocha. Pegando por exemplo três espetáculos com figurinos teus onde parece ser possível ver com clareza que se trata de uma artista plástica trabalhando com teatro. O *Mimi Apestovich*, já citado por ti e que é um trabalho bem plástico, tem desenhos dele e foi o primeiro trabalho que fizestes.

Malu Rocha: Foi. E os desenhos inclusive são bem primários, né? Porque depois de um tempo, até isso, eu comecei a ter uma preocupação, também, com o desenho (fig.1) [com os desenhos nas mãos]. Na *Mimi* tinham soluções que eu achava muito boas. Por exemplo no sapo usar pés de pato. Isto aqui eram que eles ficavam sempre deitados e quando levantavam eles abriam estes leques e então viravam árvores [ainda mostrando desenhos]. Estes eram os fantasmas (fig.2), eles eram enormes e os atores ficavam dentro, mais ou menos aqui e o resto tudo era manipulado com PVC dentro. Estes aqui foram os que eu fiz para a Camila [a sobrinha] Estes cogumelos também eram tudo, eles ficavam abaixados e depois levantavam, então foram tudo solução... [trocando o desenho]. Este aqui era a zebra (fig. 3), era um maestro que depois virava zebra, então a bailarina se escondia aqui e esta casaca [indicando no desenho] virava o corpo da zebra. O *Mimi* era muito cheio de soluções de [risos] engenharia.

Iluminuras: Mas também bastante teatral.

Malu Rocha: Era. Olha só, esta [mostrando o desenho da bailarina] (fig. 4) entrava aqui embaixo [desenho do maestro] e virava a zebra. Então tinham muitas soluções que depois eu vejo que era a parte de engenheira resolvendo os problemas. E tu ver isso no desenho também, aqui [mostrando três lâminas de desenho] ele inicia como nenê e

depois vai crescendo e as calças vai ... vão tirando elásticos, vão tirando... tudo era meio feito em cena também, ela se transforma daqui [indicando um desenho] para cá [outro desenho] em cena, então foram soluções técnicas. Pequenas soluções e que eu tinha que resolver na hora. Assim, o desenho né, era um desenho que tinha pelo menos.... Olha aqui os carros ó! (fig. 5) [. Mostra o desenho] era tudo um Eucatex que eu colava as lâmpadas e coisas assim, tipo painel de vendedor de ouro. Então forma tudo, eu acho sim, foi o figurino que eu mais utilizei quebra cabeça, assim, para solucionar problemas.

Iluminuras: Outro figurino que chama atenção foi *O Balcão*.

Malu Rocha: Foi meu segundo trabalho.

Iluminuras: Posso ver os desenhos?

Malu Rocha: *O Balcão* foi meu segundo trabalho e foi uma coisa que eu pensei: Nossa será que eu consigo fazer? Porque o *Balcão* era um monte de gente e era teatro adulto, a *Mimi* era infantil. É diferente, né?

Iluminuras: Este segundo trabalho que tu fizeste não era direção do Dilmar e não era indicação do Alziro?

Malu Rocha: Se não me engano o Luciano [Alabarse] convidou ele e ele disse: "Ah, não quero fazer, convida a Malu! " Aí, o Luciano foi conversar comigo e eu disse: Tá, eu faço. Com um pouco de medo porque era outra coisa. Era muita coisa e outra visão, porque o Luciano com aquela loucura dele no *O Balcão* ele usa pessoas para serem moveis e coisas assim. Eu tinha que resolver o figurino destas pessoas que seriam móveis, objetos de cena. Então foi uma outra experiência muito louca também. Daí os desenhos já melhoram um pouco [risos], mas a solução que eu encontrei para estas pessoas que viravam objetos [segurando desenhos, muitos desenhos] (fig. 6) foi trabalhar com o corpo objeto mesmo, os guris estavam só de coturno com uma sunga, um tapa sexo. Tentei despersonalizá-los e torna-los só um corpo e as mulheres eram assim, também, eram uma coisa assim [mostra o desenho] (fig. 7). Porque se tu veres fotografias de cenas elas viravam bancos ou mesas. Então eu tinha que torná-los objetos e corpos objetos porque *O Balcão* era um bordel. Eram sexys, mas despersonalizados. Este era a ideia para os coadjuvantes. Depois em cada cena eu trabalhei numa época, então tem cenas que era na Idade Média. Cada cena dos prostíbulos. Tem cena que era na ditadura, outras num reinado. Então também foi um trabalho bem de desafio, assim. E ainda tinham os guerrilheiros porque tinham que todos estes [mostra os desenhos dos coadjuvantes sexys], em dois minutos se transformarem neste [mostra desenhos de homens com roupas de guerrilha](fig. 8). Então eu bolei um esquema de metal para a

cabeça e um monte de trapos que ficavam no chão em ordem, então cada um deles só se enfiava dentro e puxava os trapos por cima. [Indicando no desenho]. Isto aqui tudo era de metal que eles só se enfiavam dentro e tudo, tudo era com cola quente [cola patex] e não tinha costura aqui. Se tu fores ver são estas mesmas pessoas [mostra desenho dos coadjuvantes sexys], pode ver pelo coturno e ainda mais alguns atores. Também foi um desafio assim, em dois minutos os caras se transforarem em guerrilheiros. Esta parte toda de metal o meu irmão, o Nico quem fez, porque ele estava trabalhando com escultura de metal. Eu pedi só estrutura e depois eu passei os panos, foi bem desafiante fazer *O Balcão*. E daí em cada período eu fiz.... Cada bordel eu fiz um período. Então tem, por exemplo, este período aqui [mostra dois desenhos] (fig. 9 e fig.10). Este é o Zeca [Kiechlosky], o beato,) daí tem períodos que passam em 1920, tem cenas, lugares do bordel que passam em 1920. Estes aqui [mostra desenhos] são para o coro dos revoltosos. Depois, anos mais tarde, pulando bastante, eu fiz com o Alexandre Silva [Alexandre Magalhães e Silva], de assistente ou dividindo *O Balcão* [mostra desenho] em dança [coreografia de Eva Schull] que também foi uma coisa difícil de resolver.

Iluminuras: Que era outro visual e outros desenhos?

Malu Rocha: Era outro visual e aquela coisa né? Tu tinhas que resolver o movimento ali e não só o personagem, mas, o movimento do dançarino.

Iluminuras: Tem uma palavra que tu usaste para apresentar estes dois figurinos, e é por isto que pedi para mostrar os desenhos destes. A palavra é “resolver”. Tu falaste muito que tu tinhas que resolver, então, figurinista de teatro mais do que fazer roupa ele resolve?

Malu Rocha: Resolve, acho que resolve e tem uma parte...

Iluminuras: Estes dois espetáculos mostrados tem um visual cênico muito impactantes e graças as soluções criadas para os figurinos.

Malu Rocha: Sim. Acho que sim. Acho que esses dois: sim. Agora mais tarde, tem espetáculos que não é só isto que pega, né? Pega pelo psicológico, tu tens que entender o personagem e trabalhar aquela psique com aquela roupa entendeu? Aquela pessoa usaria tal roupa? Não, usaria aquela roupa. Então tem os dois lados, tem alguns figurinos que te leva para solucionar problemas e resolver esteticamente e tem outros que te levam para resolver psicologicamente o teu personagem.

Iluminuras: No *O Balcão* tinha o Bispo!

Malu Rocha: Ah! O Bispo é a famosa capa que eu fiz para o Baldissera [ator José Baldissera]. (fig. 11) A capa do Bispo foi uma solução que eu achei que não riria

funcionar e pelo jeito ele tinha até pouco tempo a capa. Eu peguei aqueles livros de grandes pintores e recortei figuras de, sei lá, igrejas, aquelas coisas, imagens medievais e coisas assim e coloquei aquelas coisas na base toda, pegava toda [faz gesto com as mãos] A capa pegava toda a minha sala para fazer o godê. Ali [nas bordas] eu colei e depois passei um [plástico] contact transparente por cima. Para impermeabilizar aquilo, porque aquilo eu não achei que fosse funcionar, mas depois em cena ficou maravilhoso e eu achei que não iria durar nada e durou.

Iluminuras: Novamente um salto no tempo e em *O Rômulo*.

Malu Rocha: Olha, O Rômulo já é uma coisa, né? Porque o Rômulo é uma coisa histórica, mas era debochada. Então eu tinha que brincar, também, com aquilo. Não podia ser um figurino assim, nor... Assim sério. [pega desenhos] Eu Brinquei com, por exemplo, as sandálias todas são tênis, (fig. 12) que eu recortei nos lugares que eu achava interessante e depois brinquei com cola quente. Então tu olhas e tu vê que é tênis. Brinquei também com a história da filha, que está de mini saia (fig. 13), entendeu, então eu fui brincando com coisas de tempo ali, para não ficar um espetáculo muito sério, né? E tudo tingido, tudo com muito dourado, estas coisas de...

Iluminuras: Quanto tempo tem entre este e os outros figurinos?

Malu Rocha: Aí, antes do *O Rômulo*, eu fiz a *A Fonte*, eu fiz... aí tem bastante.

Iluminuras: Eu pergunto pela evolução do desenho, pelo traço do desenho.

Malu Rocha: Já tem sim, já tem....

Iluminuras: E isto está ligado a uma seriedade maior com o trabalho a forma como desenha?

Malu Rocha: Não. Acho que não (risos). Acho que é uma coisa entre eu e o Alziro. A gente fazia assim, quem faria o desenho mais bonito possível, entendeu?

Iluminuras: Uma disputa interna?

Malu Rocha: Interna, uma brincadeira interna. Ah, que bonito tem desenho! Então no próximo eu vou fazer melhor (risos).

Iluminuras: Resgatando o tempo...

Malu Rocha: É. O artista plástico. Era bem isso.

Iluminuras: E falando em artista plástico, estes desenhos destes três trabalhos, fora os estágios dos desenhos, falo destes três figurinos em cena e foram três espetáculos que assisti. São espetáculos extremamente impactantes, visualmente foram muito importantes para o bom resultado do espetáculo. E agora eu quero que fales um pouco

sobre isto: A artista plástica fazendo figurino, ou melhor, o figurino de teatro como artes plásticas?

Malu Rocha: Olha, eu nem sei mito o que falar. Só sei que as pessoas dizem isto. Mas eu não sei onde está isto, entendeu? E sei que quando eu estou desenhando e estou compondo. Estou vendo cor de um, cor de outro. Funciona com a luz, não funciona com a luz, estou compondo. [cantarola] eu passo a vida compondo... A gente tinha esta música quando eu trabalhava com o Alziro. Mas, eu não consigo enxergar. Assim, eu não sei falar sobre isso, sei que o resultado, e porque já me disseram bastante vezes que: “ a gente vê que é de uma artista plástica! ” Não é de um arquiteto, não é de.... Mas eu não sei falar onde está isso aí. Não sei. Talvez seja pelo próprio desenho, quando eu comecei a desenvolver o desenho..., mas aí tem a *Mimi* que os desenhos são bem primários e está lá.... Não sei! Não saberia.... Só deixo acontecer. Depois que me falaram eu fico assim: Ah tá, tem, onde está mesmo? Fiquei meio pensando e depois, sabe do que mais? Está. Então tá. Não comecei a esmiuçar isto. Então não sei o que te falar.

Iluminuras: E sobre o mercado de trabalho?

Iluminuras: [Ana Luiza Carvalho da Rocha]. Posso fazer uma pergunta, aqui, intercalar? Porque já te vi trabalhando e tu também né Alexandre? Em figurino, a questão da escultura, da forma com tu trabalhas o volume, como tu trabalhas as texturas, eu vejo ali muita coisa.... Não sei Alexandre tu que também trabalhas com né? Mas se não tem isto do artista plástico, na manipulação dos materiais e nas estruturas que tu dás para.... Quando tu falas da capa do Baldissera, foi uma montagem aquilo, então tem algo de escultórico naquilo, não?

Malu Rocha: É, pode ser. E uma coisa é certa, porque durante muito tempo eu tingi os meus próprios panos, porque me incomodava a cor que eu não achava, então tem um pouco isto. Agora eu estou um pouco mais domada em relação a isto, entendeu? Eu ou procurando as coisas mais.... Até porque não dá para ficar tingindo... Tudo sedo feito de tingidos, entendeu? Tem figurinos e figurinos. Mas eu tinha a coisa de querer dominar até a cor e se eu não achasse aquele igual, não iria achar? Então melhor tingir. Eu tinha muito isso e mesmo quando eu comprava roupa, ou era figurino usado, figurino de brechó, eu botava na tinta, entendeu? Para ter o tom que eu queria, para ter o envelhecimento que eu queria. Aí pode ser, tem aquela coisa no tratamento de superfície daí é verdade. E de procurar texturas e estas coisas... E tem aquilo que gosto muito de muito pano em cena, né? Volume. Muito pano! Mesmo sem ser de época tu tens que ter

pano, entendeu? Eu não.... fica aquela coisa [faz desmilinguida com o corpo e mãos]. Eu gosto das dobras que o pano dá com a luz batendo aquilo te dá volumes diferentes. Talvez seja aí onde me identificam mais como artes plásticas, né? Pode ser.

Iluminuras: Eu vou fazer um corte agora neste tema porque quero te provoca numa coisa: Tu és sindicalizada?

Malu Rocha: Não, sem sei que sindicato... Fui! Não. Eu fui sindicalizada, até um pouco antes do *O Rômulo* eu acho, no Sindicato dos artistas como figurinista.

Iluminuras: Tu tens alguns prêmios. Já produziu aqui em Porto Alegre, já produziu fora no Uruguai, no Rio de Janeiro. Teu trabalho foi visto fora de Porto Alegre. O profissional figurinista de teatro, tem qual mercado? É reconhecido por prêmios, na mídia, pelo meio teatral e como se dá quando tu atinges este patamar profissional: Malu Rocha figurinista premiada do teatro gaúcho.

Malu Rocha: Eu acho que teve um período. Teve um mercado muito bom. Como disse de oitenta e noventa, noventa e poucos havia mercado, para mim né? Mas agora vejo uma geração aí que está funcionando. Não sei se com a mesma, a mesma... Como eu vou dizer... A mesma fecundidade do nosso. Porque tínhamos variações de produções e assim como tu fazias um figurino de 1941 daqui a pouco tu estavas fazendo uma coisa contemporânea, ou de brechó e outra coisa era construída e outra coisa era uma Antígona e outra coisa era... entendeu? Mas agora essa coisa é tudo, do contemporâneo é tudo muito figurino atual é mais... Não sei ne se é mais fácil mas, tu achas aí no mercado as roupas que tu queres, é mais fácil de produzir. O mesmo tempo é mais difícil porque tu tens menos grana, acho que é mais fácil e menos fácil. Mais fácil porque tu tens as coisas mais à tua mão, sem tanta pesquisa e é mais difícil porque também, acho que a grana agora para produzir acho que é mais... administrada, entendeu? Antes acho que a gente arriscava mais. A gente fazia mais loucura. Não sei explicar. Para mim é claro que o mercado foi se fechando em função do FUMPROARTE, né? Porque como eu dava aulas na prefeitura, os diretores não podiam mais me convidar para fazer os figurinos porque eu trabalhava na prefeitura. Então eu saí do mercado muito por causa disto, porque eles não podiam ganhar FUMPROARTE se eu estivesse na ficha. Vários diretores me convidaram e eu tive que dizer: Não posso fazer figurino para ti e nem estar na tua ficha do teu projeto porque sou funcionária da prefeitura. Então eu perdi muito mercado quando surgiu o FUMPROARTE. No começo ainda dava, mas depois inventaram que não dava. Daí tinha um cara que, um administrador do FUMPROARTE me disse que se não tem nada a ver com minha

função na prefeitura, dá. Mas para os grupos que me convidavam não saírem prejudicados eu já avisava: É melhor eu não estar junto com o teu grupo porque vou e prejudicar, entendeu? Eu fui perdendo mercado em função disto.

Iluminuras: Este teatro contemporâneo financiado com recursos públicos e com figurinos cotidianos, poucas trocas, ou atores nus onde não se vê mais a mão de um artista, como estes teus que saíam dos desenhos e no palco impactavam tanto visualmente. Então pergunto se o figurino já foi, ou se tu achas que ainda é, um suporte para um artista plástico, ou hoje para o artista visual? Figurino é artes visuais?

Malu Rocha: Acho que é. Acho que é porque as próprias arte visuais tem um pouco deste ponto de vista. Porque tu estás lidando com a parte visual do espetáculo. Acho que é. Só não é artes plásticas. Mas o figurinista está lidando com artes visuais. No sentido de que não tem a manipulação, não tem a coisa do [faz gesto com as mãos] que o meus tem e que o artista plástico das antigas tinha também, entendeu? Aquela coisa da escultura, de fazer forma de não sei o que. Artes plásticas no sentido de tu trabalhar com o material.

Iluminuras: Que é muito a tua assinatura nestes teus figurinos?

Malu Rocha: Exato. E nas artes visuais tu trabalhas com o visual e não necessariamente tu entras em contato com o material. Então eu acho que artes visuais no trabalho ainda existe, acho que está faltando um pouco desta coisa de tu lidar com o material. Não é que está faltando! É que não se usa mais isso quase, tu quase não trabalhas... o figurinista quase não entra em contato com o material do figurino. Não se tinge mais. Não se costura mais porque quem costura é uma costureira.

Iluminuras: Então para ti esta produção contemporânea do teatro esquece um pouco do artesanal, esquece o artesanato da construção. Como tu, a engenheira, artista plástica que tem talento para costura aplica todo este conhecimento de ter que tingir um pano para ficar como queres, com hoje tu resolve? Tu aplicas todo teu conhecimento nesta produção atual, contemporânea?

Malu Rocha: Atualmente eu estou trabalhando numa produção de época, não é contemporâneo. O contemporâneo é o contemporâneo e realmente eu não acho que eles precisem ficar manipulando materiais porque hoje em dia a sociedade é um pouco isso, a vida é um pouco isso! Está ali, tu compra, tu usa. Então os figurinos são como o retrato da época. Eu estou fazendo uma produção que se passa em 1930. Então até no desenho eu tentei chegar nesta coisa de ser feito, parecer feito. Não sou eu quem estou fazendo, tem uma costureira e de qualquer forma tem meu desenho que ela tem que

respeitar. Ela está confeccionando um figurino que eu pesquisei, daquela época. Não tem aquela coisa de vou ali na loja e pego. É diferente. Então, teatro contemporâneo que eu fiz.....

Iluminuras: É a próxima pergunta. Malu Rocha faz? Faria? Como teu trabalho entraria numa produção destas?

Malu Rocha: Não sei. Uma boa pergunta. Aas vezes quando vou assistir fico pensando em como eu faria este figurino. Às vezes eu tenho respostas e as vezes eu não tenho. Eu acho que hoje o figurino tem que se basear mais na psique do personagem, entendeu? Pensa mais no psicológico do que está tentando passar em cena do que no visualmente. Antes tu podias juntar mais, mas atualmente acho que trabalham muito o psicológico e então esta coisa das artes plásticas fica meio em segundo lugar. A estética, os efeitos de lua, a coisa lá no palco fica em segundo lugar. O que funciona hoje é se é louco, não é louco, se é introspectivo, não é introspectivo, expansivo, é feliz, não é feliz? Tu tens que brincar com o psicológico do personagem e daí acho que o figurino fica mais em função disto. Eu trabalharia mais em função disto hoje em dia. O foco seria quem é o principal, quem é este personagem. Antes acho que tinha quem é o principal e que estética eu quero dar para este personagem. Hoje acho que a estética estaria atrapalhando, talvez, o personagem. A leitura do personagem feita pelo espectador. É uma dúvida que tenho. Não fiz nenhuma. Nunca fui convidada para fazer nenhum contemporâneo.

Iluminuras: Estou satisfeito, alguma pergunta mais?

Iluminuras: [Ana Luiza Carvalho da Rocha]. Eu acho que entendo um pouco o que a Malu diz sobre isto. Agora como é um pouco de interesse da tua dissertação, né Alexandre? Acho que tem um pouco de higienização do teatro. Ele fica mais discursivo e menos um campo de expressão artística. Então daí tu tens uma espécie de... como vou dizer.... De sujeição, inclusive a luz, inclusive o cenário, que tinha toda uma dramaturgia expressiva e cênica ela é higienizada em função de uma história discursiva neste sentido mais plano, se dá para dizer, e por isso menos plástico para mim. Mais uma visualidade do que até o visual, né? Porque visualidade no sentido de expressar a ideia sem ter uma dimensão de camadas para aquilo do que tu vês no teatro. Talvez isso tenha a ver com a escolha dos autores? Não sei. Ou é uma forma como os diretores trabalham menos com autores que permitiriam esta densidade de camadas plásticas de uma cena teatral.

Malu Rocha: Eu posso dizer que era mais divertido fazer figurinos antes. Porque a gente inventava mais bobagens. Eu me lembro dos fantasmas da *Mimi*, aquela coisa de

inventar o como vou fazer, com vai movimentar. Era mais divertido, era mais... uma incógnita. Era resolver problemas e entra a engenharia aí. Era mais desafiador.

Iluminuras: Não acham que também as áreas eram mais ligadas e agora uma coisa é cenário, outra é o figurino, o roteiro?

Malu Rocha: É. Eu me lembro de separar as cores que eu pretendia usar e colocava na maquete do Alziro. Gente olhava e dizia: Tá, tudo funciona! As cores que tu estas usando combinam com as do cenário, vão funcionar. Isto era bom de trabalhar juntos. Porque quando a gente construía, a gente construía uma obra única, visual único. A gora eu acho isso, menos divertido, o que que eu possa fazer? Os últimos figurinos foram muito menos divertidos de fazer.

Iluminuras: E vocês ainda se davam ao luxo de fazer maquetes e colocavam a luzinha aqui e ali. Hoje até existe a projeção virtual de um resultado, mas, não o artesanal. E isto perde no resultado de impacto visual na cena. Não duvido que seja porque é a diferença entre tu fazer artes visuais no teatro e tu fazer teatro.

Malu Rocha: Na dança tu tens este conjunto todo fechado, porque tu usas a plasticidade e precisa dela. No Porto Alegre em Cena eu adoro ver as danças porque ali acho que tu tens um aprendizado, desde a luz, a soluções de figurinos, soluções de corpos, tudo isso. A dança está com isso, é verdade! E eu acho pouco desafiador o trabalho no teatro. Não sei. Agora na reportagem a menina me mandou o texto e perguntou: “O que tu achas Malu, te chamo de designer ou figurinista? ” Não! Sou figurinista. De certo ela achou mais contemporâneo me chamar de designer, né? Eu sou figurinista. Tem uma amiga minha, que adora dizer que sou cenógrafa e não sou, fiz só duas cenografias na minha vida. No *Serragem, Farinha e Farofa* eu fui figurinista (fig. 14 e fig. 15) e fiz cenário e um outro aí que fiz também. E fiz cenografia porque o Dilmar não tinha nada e o Alziro não queria fazer e disse: “Faz uns painéis Malu e te ajudo a pintar”, então fiz estas cenografias. Mas não é a minha área. Mas ela me chama de cenógrafa porque acha que figurinista é menor. Já dentro do teatro é uma coisa menor, no próprio teatro é uma coisa menor tu te chamar de figurinista, agora designer (risos).

PREMIAÇÕES

•Troféu QUERO-QUERO na categoria MELHOR FIGURINO (teatro adulto) pelo espetáculo *A FONTE*, Porto Alegre, 1988.
•Prêmio AÇORIANOS na categoria MELHOR FIGURINO (teatro adulto) pelo espetáculo *A FONTE*, Porto Alegre, 1988.
•Troféu QUERO-QUERO na categoria MELHOR FIGURINO (teatro adulto) pelo

espetáculo *RÔMULO, O GRANDE*, Porto Alegre, 1989.
•Prêmio na categoria MELHOR FIGURINO pelo espetáculo *O BANDIDO E O CANTADOR*, VI Festival de Teatro do Vale dos Sinos, Novo Hamburgo/RS, 1997.
•Prêmio AÇORIANOS de dança na categoria MELHOR FIGURINO pelo espetáculo *OS PREDADORES*, Porto Alegre, 1998.

Recebido 22 de janeiro 2019

Aprovado 11 de fevereiro 2019

FIGURA 1

FIGURA 2

FIGURA 3

FIGURA 4

FIGURA 5

FIGURA 6

FIGURA 7

FIGURA 8

FIGURA 9

FIGURA 10

FIGURA 11

ROMULO O GRANDE
ESPURIO TITO MAMA – PREFEITO DA CAVALARIA
MAW ROCHA

FIGURA 12

FIGURA 13

FIGURA 14

FIGURA 15